

se7e

DIAS DA SEMANA

Brasília-DF  
19/02/97

20

Por sinal a experiência sinfônica conhecida de Tom Jobim, a *Sinfonia Brasília*, é uma peça musicalmente fraca. Letra do poeta Vinicius de Moraes e música de Antônio Carlos Jobim. No caso, a letra é mais convincente. O certo, em termos de composição, deveria ser a supremacia da música. Faltou fôlego, ao maestro Jobim, na travessia dos mares e rios sinfônicos.

**Rádio Senado** - Muito louvável a criação da Rádio Senado FM. Há informações e música popular brasileira. Apenas, em nosso caso, como plateia, pagador de imposto e torcedor pela nação Brasil, ocorre meter a colher para sugerir que não se discriminem os artistas brasileiros. Uma emissora que ostente o nome de Rádio Senado FM não pode empurrar para fora dos muros da cidade os criadores e os intérpretes que estudaram mais e se dedicam ao clássico. (Aliás, essa definição clássico (erudito), popular, é descabida. Existe boa ou má música; assim como existe boa ou má poesia; pintura excelente, pintura medíocre).

Subscreve-se em louvores a música até agora apresentada. Mas falta acrescentar a música dos outros brasileiros, notáveis, e considerados não-comerciais.

A Rádio Senado não é para competir com as dos deputados Luís Estevão e *Vigão*, por exemplo. No caso da do Senado, por ser do Senado, não se espera um nivelamento por baixo. Intérpretes como Elis Regina, Rosa Passos, tudo bem; igualmente Turibio Santos, Artur Moreira Lima. Os Demônios da Garoa; também o Quarteto de Brasília. Daniela Mercury e Chico Buarque (a citação aqui, por acaso), também o Coral Comunitário, com suas seiscentas vozes. Os gaúchos Kleiton e Kledir; e os pernambucanos da Orquestra Armorial. Choro de Pixinguinha, e *choros* de Villa Lobos. Música da Timbalada e a de Claudio Santoro; violão de Baden Powell e o cravo de Ana Cecília Tavares; Orquestra de Severino Araújo, Orquestra (Quinteto) de Metais, também a de Violões.

Carlinhos Brown, e frevos do Recife e Olinda; Madrigal de Brasília. Osvaldo Montenegro; Trio Claudio Santoro. Waldir Azevedo; Sinfônica do Teatro Nacional. Orquestra de Senhoritas, conjunto único; também Hary Schweizer, este um raro artista: professor-fagotista e construtor de fagote (mora em Brasília). Dick Farney, e Alcione; também Jorge Antunes. Ney Matogrosso, Carmen Miranda; também Roberto de Regina. Paulinho da Viola, João Nogueira; José Maurício Nunes Garcia.

Dorival Caymi, Braguinha; Camerata de Brasília. Jamelão, Tim Maia; Guilherme Vaz. Fagner, dona Ivone Lara; Artur Nepomuceno. Zé Keti, Ari Barroso; Carlos Gomes. Caetano Veloso, Elba Ramalho; Ospa (a Sinfônica de Porto Alegre). Roberto Correa, Marisa Monte; Guerra Peixe. Akneton, Raimundos, Canto Gregoriano (Coro dos Beneditinos de Olinda e de Ponta Grossa). Patápio Silva, Dalva de Oliveira; Coral da Ulbra (Palmas). Legião Urbana, João do Vale; Coral da Universidade Federal

(Campo Grande). Banda Liga Tripa, Oficina Blues; Coro de Câmara da Universidade Federal de Goiás.

Carnavais, violeiros (desses de puro solo); Valsas de Esquina (de Francisco Mignone). Novos Baiões, Gonzaguinha; João Carlos Martins (um dos maiores pianistas do mundo). Papete, Marina; Clara Sverner. Martinho da Vila, Miltinho; Ca-

margo Guarnieri.

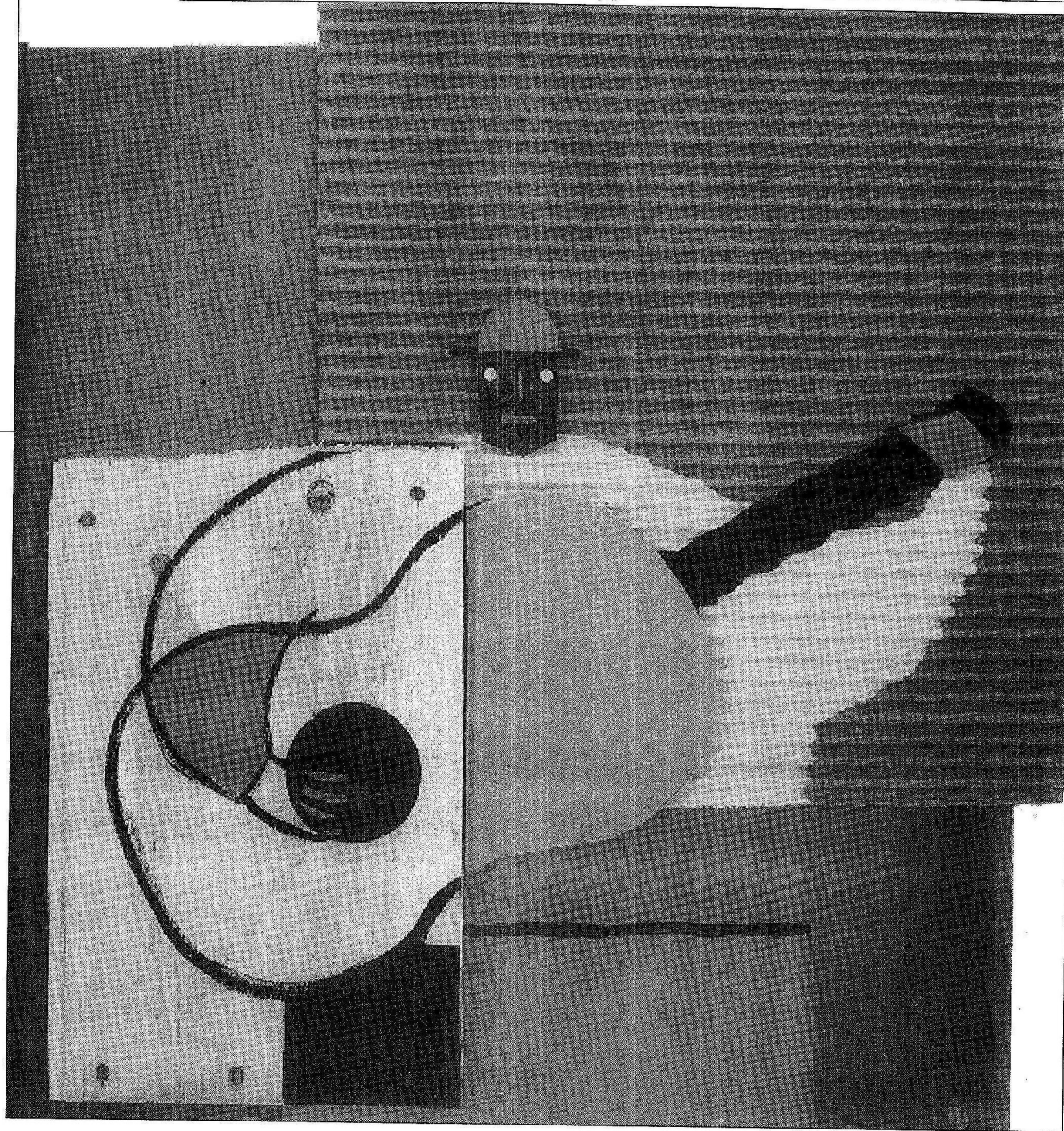
Dalva de Oliveira, Almir Sater; Miguel Proença. Chico Cesar, Nana Caymi; Frutuoso Viana. Agostinho dos Santos, Raul Seixas; Luís Cosme. Zélia Duncan, Sérgio Reis; Oscar Lourenzo Fernandez. Adriano Faquini, Paralamas do Sucesso; Edino Krieger. Cassia Eller, Sandra de Sá; Brasília Itiberê.

Milton Guedes, Morais Moreira; Alexandre Levi. Orlando Silva, Renato Matos; Iberê Gomes Grosso. Silvio Caldas, Beth Carvalho, Gal Costa; Ney Salgado/Valeska Hadelich, e Nelson Freire.

Dois notáveis músicos brasileiros têm centenário de nascimento para este ano de 1997: Oscar Lourenzo Fernandez e Francisco Mignone, ambos

adores/compositores. E disse-  
ra a Santoro mais ou menos  
assim: Olha, cheguei à conclu-  
são de que jamais serei um  
razoável artista, se persistir na  
música clássica; mas com o  
que já sei manejar, posso tor-  
nar-me o mais importante  
compositor de música popu-  
lar deste país, da minha gera-  
ção.

**ANTÔNIO CARLOS** Jobim pretendia, antes, ser compositor clássico. E procurara o seu amigo Claudio Santoro, com quem passa a ter aulas específicas. E ia. Porém, Tom pôs-se a meditar em torno dos apertos em que vivem os artistas brasileiros que estudam muito para serem grandes intérpretes ou mesmo cri-



# O SOM DA SENADO

O FILHO DE  
CLÁUDIO  
SANTORO TEM  
GRAVADO TUDO  
DE SEU PAI

tendo legado obra vasta e multiforme a qualificar a cultura artística do Brasil. E em 98 teremos o centenário de Pixinguinha, músico realmente genial. Tocar-lhes as composições é homenagear a própria Nação.

**O acervo** - A direção dos serviços, no Senado Federal, pode escolher uma pessoa que ao mesmo tempo goste de Música e de pesquisa, com a missão de recolher composições. Todo artista (intérprete ou criador), ou mesmo órgão público específico, tem a gravação, mesmo em fita, do que já fez. Então é ir, equipado, à Escola de Música de Brasília, onde há um mundo de coisas gravadas. Agora mesmo terminou mais um de seus Cursos de Verão. Tudo o que se passou por lá certamente deve ter ficado gravado. No Teatro Nacional não há algo assim, mesmo porque o Nacional é ocupado/grilado por duas repartições que obstruem a finalidade daquela Casa de cultura artística: a Secretaria de Cultura e a Fundação Cultural. Mas na Universidade de Brasília há muita coisa gravada.

O filho de Claudio Santoro que mora em Brasília tem um estúdio em casa onde está gravado quase tudo do mestre seu pai. Músicos da UnB, já aposentados, estão aí mesmo. Muitos deles artistas notáveis.

Isto para começar. Pois impõe-se procurar o que se acha gravado no acervo da antiga Escola Nacional de Música, no Rio de Janeiro. Ou no da Rádio MEC.

Também vale a pena ir à Bahia, onde há uma Escola (incorporada à Universidade Federal) que fez muitas cabeças de músicos deste país. Ir a Pernambuco (os monges do Mosteiro de São Bento em Olinda cultivam e gravam o canto gregoriano, e em Recife ver o que o Suassuna tem a dizer e para mostrar), Paraíba (uma atividade musical de referência), Ceará e Maranhão. O Teatro Artur Azevedo, em São Luís, é equipado: tudo tocado em seu palco fica automaticamente gravado.

A rota São Paulo, Campinas, Piracicaba, Curitiba, Blumenau, Florianópolis e Porto Alegre é obrigação.

No Centro-Oeste há uma efervescência: em Goiânia, Cuiabá e Campo Grande. Em Goiânia, então, há um Coral de primeira, incentivado pela Universidade Federal. É uma eminente pianista: Belkis Carneiro de Mendonça. Em Cuiabá há solistas-construtores da viola de cocho, primitivo instrumento de pau e corda, primo do alaúde. E já no rumo-Norte, em Palmas (Tocantins), funciona o Coral da Ulbra (Universidade Luterana do Brasil): impõe-se conferir e dar divulgação-estímulo através da Rádio Senado FM.

Vale a pena não sujeitar-se à mídia e abrir o leque em favor de um Brasil, de alto nível. Trabalhando, a partir de Brasília, portanto com visão nacional, em pouco tempo, para o proveito da Rádio e de consulentes, o Senado Federal poderá orgulhar-se de possuir, além da Biblioteca, o mais respeitável acervo gravado, de obras musicais, em razão do brasileiro que as compôs ou interpretou.

CLOVIS SENA